

Falar do renascimento cultural e não falar de Leonardo da Vinci, seria um erro discrepante. Talvez esse artista seja o que melhor sintetiza como funcionava a concepção de mundo daquele período, onde o homem era multifacetado.

Da Vinci exercia o papel de pintor, escultor, engenheiro, arquiteto, cientista, dentre outras funções, todas elas surgidas do fato de Da Vinci ser um exímio observador da natureza. Reproduzir o movimento da água em um quadro, dissecar animais, saber como funciona a mecânica de ferramentas, a lista é imensa, o que nos faz refletir acerca do papel do ser humano na natureza, pois não foi apenas observando a natureza que saímos da pré-história e chegamos a uma estrutura social complexa, foi observando-a e transformando-a.

A modificação de nossa realidade prática é um processo dialético onde nossa consciência é o reflexo da nossa realidade material e social, e posteriormente, com surgimento contínuo de novas necessidades humanas, surgem novas formas de se modificar a realidade - e com essas novas formas, novos elementos conscientes, e assim sucessivamente. É de um reducionismo absurdo crer que apenas o mundo material influencia o campo das ideias. Afirmo aqui que nossa consciência é secundária em relação à realidade circundante, porém sem excluir jamais o fato de que a consciência pode modificar a realidade circundante, do contrário estaríamos negando a própria dialética.

O próprio Lenin afirmava que “a teoria sem a prática de nada vale, a prática sem a teoria é cega”, (obviamente que Lenin e Da Vinci pertencem a diferentes campos, mas o raciocínio é válido), e foi o que Da Vinci fez, buscou teorizar tudo aquilo que absorvera ao observar a natureza sob uma perspectiva científica, uma pena que as condições materiais daquele período não estavam suficientemente desenvolvidas para que as teorias de Da Vinci fossem postas em prática.

Da Vinci pondo em prática suas teorias, se defrontaria com um lote de equívocos, e sabemos disso hoje pelo simples fato de já termos posto em prática muitos de seus planos, como voar e mergulhar em águas profundas. Dito isso, os rascunhos de Da Vinci possuem algumas estruturas técnicas obsoletas, se analisarmos através de uma perspectiva de um indivíduo do ramo da engenharia do século XXI. E que fique bem claro que não tento desmerecer os trabalhos teóricos de Da Vinci, os quais possuem contribuições riquíssimas, afinal são as teorias que nos dão um norte de como agir na prática. O que venho tentando sustentar é que as teorias jamais estarão livres de equívocos técnicos, os quais não de ser solucionados através da prática, e que além do fato de seus escritos não terem sido publicados em sua época, e com isso não influenciando com vigor a ciência renascentista em geral, talvez o fator determinante como já dito aqui, seria que as condições materiais dos séculos XV e XVI impediram que Da Vinci pusesse em prática suas teorias, solucionando assim os equívocos ali existentes. E como ele mesmo afirmava “Os que se encantam com a prática sem a ciência são como os timoneiros que entram no navio sem timão nem bússola, nunca tendo certeza do seu destino.”

Da Vinci era um obcecado pelo saber, um perfeccionista que nunca estava totalmente satisfeito com seus trabalhos, incomum até na maneira de escrever, ao contrário, da direita para a esquerda era como Da Vinci fazia. Suas pinturas causam um choque imediato até hoje, podem servir de ferramenta para explicar uma das 3 leis fundamentais da dialética – tudo está interligado. Talvez tenha sido um dos primeiros a conseguir unificar organicamente todos os elementos em um quadro, tudo fruto do pragmatismo exacerbado que ele possuía, sempre questionando, sempre experimentando, sempre progredindo. Feitas a óleo, técnica desenvolvida nos países baixos, Da Vinci alcançou através de outra técnica, o esfumaçado, uma nova perspectiva dos contornos, onde não haviam mas linhas fixas determinando onde se encerra um elemento, e onde se inicia outrem, uma nova forma impactante e acima de tudo enigmática se iniciava ali, onde a totalidade nos quadros estavam finalmente assumindo um caráter genuinamente homogêneo, e conseqüentemente, tornando aquilo que fora produzido anteriormente obsoleto. Na obra “A última ceia”(feita entre 1495 e 1498 no refeitório do Monastério Santa Maria delle Grazie, em Milão), Da Vinci atinge uma simetria inigualável, onde a linha do horizonte, ponto de vista, ponto de fuga e as linhas de fuga, estão harmonicamente convergindo para a figura central de Jesus Cristo.



Da Vinci usou e abusou dos seus riquíssimos conhecimentos matemáticos, nutrindo suas obras com os princípios geométricos necessários para suscitar no observador uma canalização a imagem central da obra. A linguagem corporal era muito importante para Da Vinci, em “A última ceia” vemos o exato momento em que Jesus afirma que há um traidor entre eles, tão logo as posturas dos apóstolos nos transmite uma conexão com a psique dos personagens dos mesmos, notamos o espanto, a indignação, a perplexidade, o medo, a angústia.

A técnica de esfumado permitiu também que cada observador possuísse uma interpretação distinta mais vigorosa a cerca de uma obra de arte, um exemplo claro disso seria sua obra mais conhecida, a Mona Lisa, onde é possível notar o espectro de humores não só por indivíduos diferentes, mas uma mesma pessoa observando a obra em diferentes momentos, notará uma alternância de humor.

Em seus últimos anos de vida, Da Vinci se exilou na França, onde foi muito bem recebido. A renascença italiana agora possuía 2 novos personagens, Michelangelo e Rafael Sanzio, que fariam a arte alcançar um escorço ainda mais autêntico. Porém, diferente de Da Vinci, que sempre buscou se desvincular da igreja, Michelangelo e Rafael se encontravam a total serviço dela, o que não descarta o fato de os mesmos serem notáveis artistas.